

TEATRO
DE
JOSÉ RÉGIO

III

EL-REI
SEBASTIÃO

poema espectacular em três actos

ATLÂNTIDA

EL-REI SEBASTIÃO

poema espectacular em três actos

POR

JOSÉ RÉGIO



ATLÂNTIDA = COIMBRA

MCMXLIX

NOTA PREAMBULAR

Projectei juntar um longo prefácio a esta minha quarta tentativa teatral. Cheguei a escrever a maior parte dele. Parecia-me, e parece-me, que alguma coisa poderia dizer de relativo interesse quer sobre teatro em geral, quer sobre o meu em particular. Acabei por desistir desse projecto; mas não de todo: Noutro lado tentarei desenvolver um bocadinho quaisquer minhas ideias sobre teatro, se, entretanto, não vier a pensar que tais minhas ideias críticas ainda interessarão menos do que as minhas realizações artisticas. Por agora, contentar-me-ei com brevemente dizer duas ou três coisas que se me afiguram fundamentais.

Primeira: Desde que atinja certo nível artistico e qualidade intrínseca, toda a obra de arte — teatral ou não — há-de ser considerada no plano universal do género a que pertence. Quero dizer que transpõe as fronteiras;

nem que, de facto, ainda as não transpusesse, por ainda não traduzida. Duas condições me aparecem como essenciais para que uma obra de arte alcance tal nível: A sinceridade profunda, involuntária, da sua concepção; a superioridade, nem que relativa, da sua realização ou forma. Desde que uma obra seja manifestação de uma personalidade possuidora de correspondentes dons de expressão, — sem dúvida poderá ser também encarada do ponto de vista da sua nacionalidade. Por mim, até acho interessante que o seja! Para lá, porém, das suas características nacionais, há-de a tal obra dar-se um lugar no campo da criação artística universal. De contrário se lhe negará qualquer valor absoluto, — o que é absurdo desde que haja sido reconhecida como autêntica obra de arte.

Abertamente dispenso toda a tentativa de se desculparem quaisquer deficiências do meu teatro com uma pretensa mediocridade de todo o teatro português. A tal atitude me é impossível reconhecer verdadeiro fundamento crítico. Primeiro, porque não creio em nenhuma irre-

duvel mediocridade do teatro português. Segundo, porque todas as realizações teatrais de quaisquer autores portugueses, como as de qualquer autor estrangeiro, pertencem ao conclave internacional da criação dramática.

Segunda coisa se me afigura importante: Não obstante todas as deficiências que, sem dúvida, as enfraquecem, as minhas produções teatrais são criações. Quero dizer que nasceram de mim, como se fossem meus filhos. Não as amoldei, criando-as, ao gosto de nenhuns críticos, de nenhuns actores, de nenhuns empresários, de nenhum público. Não fiz, sobre elas, cálculos que bem sei darem bom resultado quando se visa aos sucessos de momento e às compensações da bilheteira. Numa palavra: são o que podem ser — ou são o que são — sendo o autor quem é.

Creio que a todo o artista pertence o direito de realizar o que quere e pode. Direi, até, que tem esse dever. Por isso todo o criador naturalmente acabará por desprezar toda a crítica assente numa opposição temperamental ou ideo-

lógica. Decepadas todas as raizes da compreensão, que estranha língua fala o critico julgando falar a do criticado? Atacar alguém o meu teatro por ser dialéctico, ou poético, ou espectacular, ou místico, ou metafísico, ou psicológico, ou realista, ou o quer que seja — quando, precisamente, não pode ele deixar de ser tal em razão da própria personalidade do seu autor — parece-me coisa sem alcance nem sentido, sem intelligência nem fecundidade. Não deve cada artista senão repelir aquellas vontades estranhas, aqueles argumentos exteriores, aquellas teorias alheias, aquellas modas temporais, com que pretenderia certa critica tão autoritária como ingénua secar as próprias fontes vivas da sua obra.

Terceira observação: A mim me parece limitação definir teatro como um simples género literário. Decerto se poderá chamar um género literário à mera parte literária do teatro. Quero dizer: ao simples diálogo, considerado como coisa simplesmente escrita e legível. Muito importante é esta parte. Mas teatro está longe

de ser só a sua literatura, por isso mesmo que sempre há-de ser espectáculo. O que será preciso considerar é um espectáculo teatral em que a simples literatura diz quase tudo. E então consistirá o espectáculo teatral na declamação interpretativa do texto literário, reforçada pela mímica, e situada num mínimo indispensável de cenário. Não serei eu quem negue que nesta modalidade se criaram obras teatrais de altíssima qualidade; por exemplo: algumas de Ibsen. Porém outra modalidade de teatro existiu, existe, existirá, em que a Palavra está longe de tudo dizer. Com ela se conjugam a música e a dança, os efeitos de luz e a pintura, a arquitectura cenográfica, a pura declamação e outros recursos não literários — na expressão de personalidades que a mera expressão literária parece não satisfazer. E aqui peço licença para recordar que publiquei, no meu Primeiro Volume de Teatro, um posfácio em que dou certo desenvolvimento ao que estou agora repetindo. Alguns porventura leriam o restante do volume, e não leram esse posfácio. Outros o terão lido, mas

superficialmente: de modo que chegaram a attribuir-me o que nunca poderia ter eu dito. E ainda outros o leram talvez com mais atenção, e, possivelmente, alguma coisinha aproveitaram das duas ou três ideias que aí eram expostas, — sem, todavia, terem tido a elegância de alguma vez o citar. Para esse posfácio remeto o leitor que me honre com o seu interesse, pois, sem dúvida, reincide El-Rei Sebastião na concepção espectacular de Jacob e o Anjo.

E, para findar esta nota que seria inútil, — em havendo entre nós quem publicamente dissesse o que não deveria ser eu a dizer: Muitas vezes tenho por aí visto reclamado «algo de novo» no nosso teatro! Pois bem: Sem procurar o novo, que não julgo, por si, um valor, deixo-me eu crer que as suas grandes fraquezas não impedem que alguma novidade pudesse trazer o meu teatro aos palcos portugueses. Reconheceram-no aqueles mesmos que mais novidade reclamam? que mais enjoadamente denunciam o que têm por mediocridade e rotina do teatro português?

Aos que particular ou pùblicamente animam, com o seu espirito de simpatia, as minhas tentativas teatrais, aqui deixo o meu profundo reconhecimento. Eles sabem quem são. E neste agradecimento incluo a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, que só por circunstâncias eventuais não chegou a representar Jacob e o Anjo, mas realizou Benilde, no nosso Teatro Nacional, com uma dignidade que ninguém se atreveu a negar-lhe.

Vila do Conde, 1948.

JOSÈ RÊGIO